

Favela – lugar para se visitar ou evitar? As contradições na mídia sobre o turismo em favelas no Rio de Janeiro

Slums – places to visit or to avoid? The contradictions in the media on tours in the favelas of Rio de Janeiro

Mariana Alves Madureira

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Av. Venceslau Brás, 70, Campus Praia Vermelha, Botafogo, 22290-140, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. mariana@raizesds.com.br

Elizabeth Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Av. Venceslau Brás, 70, Campus Praia Vermelha, Botafogo, 22290-140, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. elizabetholiverbr@yahoo.com.br

Marta de Azevedo Irving

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Titular do Programa Eicos/IP e do PPED/IE/UFRJ, Pesquisadora Senior do INCT-PPED/CNPq e Bolsista de Produtividade do CNPq. Av. Venceslau Brás, 70, Campus Praia Vermelha, Botafogo, 22290-140, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. mirving@mandic.com.br

Frederico Tavares

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor PPG Eicos/IP e ECO/UFRJ. Av. Venceslau Brás, 70, Campus Praia Vermelha, Botafogo, 22290-140, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. fredtavares@fredtavares.com.br

Resumo. O turismo em favelas tem suscitado inúmeras controvérsias na academia, no *trade* turístico e, também, na cobertura jornalística. Considerando a importância da mídia na difusão da imagem veiculada sobre essas localidades e sobre o próprio turismo ali desenvolvido, este artigo foi construído com o objetivo de interpretar como a mídia digital decodifica e dissemina as informações sobre o turismo em favelas no Rio de Janeiro. Para tanto foi escolhido como recorte temporal os Jogos Olímpicos Rio 2016, período de grande visibilidade para a cidade. Para o desenvolvimento das análises, a noção de dispositivo, concebida por Foucault e desenvolvida por Deleuze, por meio da proposta de “geografia filosófica”, constituiu a lente teórica da interpretação. Com base nessa inspiração teórica e, por meio da leitura crítica de 49 publicações, difundidas por 33 mídias digitais, foi possível perceber que o discurso jornalístico sobre o turismo em favelas é polêmico e, também, contraditório. Para além do recorte temático proposto – o turismo em favelas – emergiu dessa análise o enunciado sobre o lugar favela, de forma mais ampla, evidenciando o forte estigma ainda vinculado a esses espaços na interpretação

Abstract. Tourism in favelas has aroused a lot of controversies in the academy, in the tourist trade and also in the coverage of journalism. Considering the importance of the media in the dissemination of the image about these localities and the tourism developed there, this article was constructed with the objective of interpreting how the digital media decodes and disseminates information about tourism in favelas in Rio de Janeiro. For this purpose, the Olympic Games Rio 2016, a period of great visibility for the city, was chosen for the study. For the development of the analyzes, the notion of dispositive, conceived by Foucault and developed by Deleuze, through the proposal of a “philosophical geography”, constituted the theoretical lens of the interpretation. Based on this theoretical inspiration, and through the critical reading of 49 publications spread by 33 digital media, it was possible to perceive that the journalistic discourse on tourism in favelas is controversial and also contradictory. In addition to the proposed theme – tourism in favelas – emerged from this analysis the statement about the favela itself, more broadly, highlighting the strong stigma still linked to these spaces in the

da mídia, mesmo no contexto favorável vivido pela cidade nesse período.

Palavras-chave: favela, turismo, mídia, dispositivo

interpretation of the media, even in the favorable context lived by the city in that period.

Keywords: favela, tourism, media, dispositive

O turismo em favelas como prática social e sua expressão no Rio de Janeiro

Sob o rótulo de *favelas*, no Brasil; *townships*, na África do Sul; *gecekondu*, na Turquia; *slums*, na Índia; *shantytowns*, na Indonésia; ou qualquer que seja a denominação, habitações construídas de forma improvisada e mantidas em condições precárias chamam a atenção de turistas em vários países em desenvolvimento. Tanto em português quanto em suas variações em outros idiomas, o termo “favela” tem sido o mais utilizado pela indústria turística para designar tais contextos. Segundo Willians (2008), essa terminologia é a mais disseminada, também, pela mídia, para se referir a essas áreas residenciais de baixa renda, já que esta incorpora uma associação imediata com pobreza e violência, abordagem esta que, segundo o autor, “apimenta” a imaginação. E se o termo “favela” pode ainda implicar em uma conotação pejorativa para alguns brasileiros, entre estrangeiros instiga, por vezes, a curiosidade, sobretudo, quando vinculado aos desejos de uma experiência turística única. Nesse sentido, Freire-Medeiros (2009) ressalta que essa expressão tem sido, cada vez mais, veiculada como marca, a exemplo do seu uso nos comerciais de sandálias Havaianas, na Europa, como argumentado a seguir.

A circulação global da favela como uma marca beneficia-se da onda do Poor Chic [...] ao mesmo tempo que ajuda a alimentá-la. No processo “favela” converte-se em um “prefixo tropical” capaz de agregar valor a produtos os mais variados e não exclusivamente os brasileiros (Freire-Medeiros, 2009, p. 121).

Esse valor simbólico tem tornado as favelas cada vez mais atraentes para potenciais visitantes, em busca de experiências singulares.

E este não é um fenômeno recente. Autores como George e Booyens (2014) discutem que os primórdios dos denominados *favela-tours* foram registrados na Inglaterra vitoriana de 1880, quando nobres visitavam áreas pobres ao leste de Londres para observar como as pessoas ali viviam. Contudo, muitos estudiosos consideram que foi apenas mais de um século mais tarde, por efeito da *Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento* (Rio-92), que se popularizou o turismo em favelas no mundo (Frenzel e Koens, 2012; Basu, 2012; Freire-Medeiros, 2006).

Neste contexto, o Rio de Janeiro é considerado como um dos destinos mais conhecidos para essa prática. E ainda que existam algumas e incipientes ofertas de *tours* em favelas em outras capitais, no Brasil, é na cidade do Rio que se concentra a maior demanda e, também, os principais esforços de pesquisas sobre o tema.

Mas para que se possa captar a essência do fenômeno do turismo em favelas no Rio de Janeiro, assim como avançar, ainda que brevemente, em seu significado, é necessário retroceder esta análise ao contexto da origem desse tipo de habitação na cidade.

As favelas no Rio de Janeiro começaram a se configurar, como tal, no final do século XIX, muitas das quais, como redutos de negros libertos pela Lei Áurea de 1888¹. Progressivamente, um grande contingente de pessoas economicamente desfavorecidas foi se unindo a esses grupos. Esse foi o caso da ocupação do Morro da Providência, primeira favela carioca. Além dos negros, a Providência recebeu, em seus primórdios, soldados vindos da Guerra de Canudos e cidadãos que perderam suas moradias após a derrubada de cortiços no centro da cidade pela política de Pereira Passos² (Valladares, 2008).

Santos (2015, p. 28) aponta, também, nessa dinâmica, alguns marcos históricos no desen-

¹ A Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel em 13 de maio de 1888, extingue a escravidão no Brasil sem prever, contudo, nenhuma forma de inclusão dos negros na sociedade.

² A Política de Pereira Passos foi uma ampla reforma urbanística que se iniciou em 1903. Inspirada na reforma higienista do Barão de Haussmann em Paris, o prefeito do Rio modernizou a zona portuária e abriu amplas avenidas: a Rio Branco, a Beira-mar e a Maracanã.

volvimento das favelas no Rio de Janeiro: o reconhecimento da existência dessas moradias pelo *Código de Obras* da cidade (1937); a expansão desenfreada de novas construções sob a égide do populismo, nas décadas de 1950 e 1960; a remoção e a eliminação de muitas favelas durante a ditadura militar, na década de 1970; a urbanização de algumas áreas pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), após o retorno da democracia, na década de 1980; além do Programa Favela-Bairro³, na década de 1990. Cabe adicionar a esse breve histórico, o movimento recente de implementação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) com o objetivo de aumentar a segurança nas favelas, no final de 2008 – uma iniciativa do poder público que passou a contribuir para a intensificação do turismo nessas áreas, desde então.

Nesta retrospectiva, é importante resgatar, ainda, o intenso processo de urbanização do país na segunda metade do século XX, cuja taxa passou de 31%, em 1940 para 81%, em 2000 (Burgos, 2002). Assim, um grande contingente populacional de todo o país, mas sobretudo da região nordeste, migrou (e ainda migra) para as capitais fluminense e paulista, em busca de oportunidades de trabalho e melhoria de qualidade de vida. Com poucos recursos, esses indivíduos acabaram se agregando às populações dos morros cariocas e paulistanos, adicionando ao “caldo” cultural das favelas, ingredientes de suas terras de origem.

A ocupação desses espaços é explicada, ainda, pela falta de políticas habitacionais no período de maior crescimento das cidades brasileiras. Segundo Ribeiro (2004), por exemplo, o percentual da população de São Paulo morando em favelas cresceu de 1%, em 1970, para 20%, no ano 2000. No Rio, com quase 28% de crescimento, entre 2001 e 2011, a população total das favelas alcançou 1,4 milhão de pessoas, contingente que significa quase um quarto do total de habitantes do município, de acordo com o último censo realizado (IBGE, 2011).

E, para além do aumento da população em favelas, Karnani (2011) chama a atenção para o crescente distanciamento econômico entre a camada mais pobre e os mais favore-

cidos, em contraste à sua aproximação física nas cidades. No Rio de Janeiro, em particular, esse contexto é ainda mais marcante, já que os principais bairros de alto poder aquisitivo da zona sul carioca são cercados por favelas⁴. Embora haja um compartilhamento de espaços urbanos privilegiados, a proximidade e a convivência desses grupos não é pacífica e não representa uma escolha de nenhuma das partes. Nesse sentido, ela não está isenta de preconceitos e estigmas e envolve, em alguns casos, violência física e simbólica (Leite, 2000; Bentes, 2007).

Nesse contexto, a cultura das favelas da zona sul carioca se formou a partir de uma grande mistura de influências, sendo as do nordeste do Brasil e, sobretudo, as dos afro-descendentes⁵, as mais representativas.

Com essa diversidade cultural, o turismo em favelas vem sendo interpretado como uma real possibilidade para o desenvolvimento econômico, a valorização cultural e o combate aos estigmas associados a esses espaços. Mas esse tipo de atividade tem sido criticado, também, por muitos pesquisadores, uma vez que representaria uma forma de estetização da miséria e de exotização dos seus moradores. Nesse sentido, a visita à favela seria percebida, ainda, como um tipo de “safári humano” e de voyeurismo de estrangeiros, resultando, assim, na exploração econômica da miséria por agentes do *trade* turístico. No centro das controvérsias estão as relações de poder explícitas e implícitas nesse jogo frequentemente velado, tema que perpassa a discussão deste artigo.

A noção de dispositivo como uma via possível para a interpretação da dinâmica de poder na mídia

Como ponto de partida para se compreender a discussão central deste artigo é importante que se resgate a contribuição de Michel Foucault para o debate teórico no qual se apoia esta análise. Foucault foi um teórico francês que buscou interpretar as dinâmicas de poder, com base em uma análise crítica dos discursos. Isto porque, à medida em que se aprofunda-

³ Programa de urbanização coordenado pela Secretaria Municipal de Habitação com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

⁴ Diferentemente de Mumbai ou Nairobi, onde favelas que têm sido fortemente exploradas como atrações turísticas são, predominantemente, planas, as favelas cariocas mais antigas foram construídas em espaços altamente íngremes. As moradias foram incrustadas e autoconstruídas em morros muito íngremes.

⁵ O Rio de Janeiro concentra atualmente 15% da população negra de todo o país (IBGE, 2011) e grande parte desse contingente está nas favelas.

va nos estudos sobre a genealogia do poder, Foucault percebia que o discurso extrapolava aquilo que, de fato, era expresso. Nesse sentido, passou a considerar um espectro de discurso mais amplo em sua análise. Para traduzir essa complexidade, Foucault formulou a noção de dispositivo, que visava facilitar a compreensão das dinâmicas de poder na sociedade contemporânea. Assim, um dispositivo teria o seguinte significado:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (Foucault, 2000, p. 244).

Cabe destacar que, na sua origem, o conceito de dispositivo era aplicado por Foucault para a análise de questões relacionadas aos presídios e manicômios, assim como às escolas e fábricas. Entretanto, posteriormente, essa abordagem foi ampliada e apropriada por outras áreas de estudo, como pode ser percebido em interpretações mais recentes⁶. E conforme defendido por Agamben:

Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc, cuja conexão com o poder é, em um certo sentido, evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e - porque não - a linguagem mesma, que e talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata - provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiriam - teve a inconsciência de se deixar capturar (Agamben, 2005, p. 13).

Contribuindo também para ampliar esse conceito, Deleuze consegue aprofundar o que Foucault havia introduzido como “desemaranhar as linhas de um dispositivo”, ao visualizar uma perspectiva espacial e tridimensional para a noção de dispositivo. Deleuze propôs o que descreveu como uma “geografia filosófica” envolvendo quatro elementos analíticos: (i) curvas

de visibilidade, (ii) curvas de enunciação, (iii) linhas de poder e (iv) linhas de subjetivação.

Para Deleuze (1990) os dispositivos são “máquinas de fazer ver e de fazer falar”, na medida em que transcendem o que está sendo explicitado.

E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objecto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direcções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam umas das outras. Qualquer linha pode ser quebrada – está sujeita a variações de direcção – e pode ser bifurcada, em forma de forquilha – está submetida a derivações. Os objectos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como vectores ou tensores (Deleuze, 1990, p. 87).

E para que se possa ampliar, ainda mais, a compreensão dessa discussão teórica, sobretudo no que se refere, especificamente, ao papel da mídia como ator capaz de influenciar a opinião da sociedade sobre determinados temas, cabe incorporar a esse debate, a releitura de Klein (2007), segundo a qual, a noção de dispositivo pode ser utilizada, também, como meio de interpretação do discurso midiático, já que para o autor, “os processos midiáticos só podem ser bem compreendidos em sua complexidade se estudados na perspectiva das diferentes relações que se estabelecem entre as diversas dimensões em jogo” (Klein, 2007, p. 208).

Nesse sentido, direcionar o olhar para a mídia, com base na noção de dispositivo, parece representar um caminho possível para se discutir os processos midiáticos, motivo pelo qual esse suporte teórico foi escolhido para orientar a leitura crítica em relação a cobertura das mídias digitais sobre o turismo em favelas cariocas, durante os Jogos Olímpicos Rio 2016.

Tendo em vista este breve contexto, o objetivo deste artigo é interpretar como a mídia digital decodifica e dissemina as informações sobre o turismo em favelas no Rio de Janeiro. Se espera, assim, com essa reflexão, construída de forma dialogal com a literatura especializada, contribuir para ampliar a discussão sobre o tema em foco em suas articulações com o planejamento do turismo nesses espaços.

⁶ Na tese “Uma floresta tocada apenas por homens puros... Ou do que aprendemos com os discursos contemporâneos sobre a Amazônia”, Shaula Maíra Vicentini de Sampaio (2012) desenvolve o conceito de dispositivo da sustentabilidade. A autora apresenta essa nova perspectiva a partir de estudos de Michel Foucault e Gilles Deleuze. Trabalha com a ideia de uma pedagogia exercida pelo dispositivo, especialmente o da sustentabilidade e ressalta de que forma esse atende a uma urgência histórica, a de promover uma sociedade sustentável.

Metodologia para a análise dos conteúdos da mídia sobre o turismo em favelas

Para apoiar o objetivo proposto, o percurso metodológico utilizado para a elaboração deste artigo envolveu (i) pesquisa bibliográfica sobre turismo em favelas e sobre a formação das favelas no Rio de Janeiro, (ii) pesquisa de matérias jornalísticas veiculadas em mídias digitais nacionais e internacionais no período associado à realização dos Jogos Olímpicos Rio 2016 e (iii) análise dos dados obtidos nas matérias jornalísticas mapeadas, à luz da noção de dispositivo, elaborada por Foucault e reinterpretada, a partir da perspectiva de “geografia filosófica” proposta por Deleuze.

Nesse contexto, o recorte temporal para a seleção das matérias jornalísticas abrangeu o período de 5 de julho a 21 de setembro de 2016, ou seja, os 30 dias anteriores e os 30 dias posteriores aos Jogos Olímpicos Rio 2016. A escolha desse intervalo se justificou pela elevada audiência do evento: 3,6 bilhões de pessoas (Exame, 2016), considerada como uma oportunidade real para se interpretar como a questão do turismo nesses espaços urbanos vem sendo disseminada, globalmente, nas mídias digitais.

A pesquisa, de caráter exclusivamente qualitativo, foi realizada pela internet, por meio do buscador Google⁷ tendo como palavras-chave de busca “turismo”, “favela” e “Olimpíadas” e considerou, para a análise proposta, os primeiros 40 registros em português e em inglês⁸. Diante dos 80 registros obtidos nessa busca inicial foi realizada uma triagem, processo pelo qual foram excluídos conteúdos de *blogs*, além de reproduções de matérias previamente contempladas em outros registros. Após essa etapa, o universo da análise passou a envolver 49 matérias jornalísticas; 24 de mídias digitais nacionais e 25 de estrangeiras, que foram numeradas, cronologicamente (vide *Apêndice 1: Matriz de matérias selecionadas para análise*).

Quanto à análise desenvolvida, essa teve como objetivo interpretar o conteúdo das matérias jornalísticas sobre o turismo nas favelas e, por conseguinte, buscar captar quais as principais mensagens propagadas sobre esses

lugares nas mídias digitais nacionais e internacionais pesquisadas.

Como anteriormente mencionado, a base teórica que apoiou o processo de análise interpretativa das matérias jornalísticas selecionadas foi a noção de dispositivo, elaborada por Foucault e revisitada por Deleuze, a partir de quatro eixos de análise, segundo a sua proposta de “geografia filosófica”, apresentada anteriormente. Sob essa inspiração, as principais questões apreendidas nas matérias jornalísticas selecionadas no contexto desta pesquisa foram interpretadas segundo as categorias analíticas: (i) Curvas de Visibilidade (o que se vê), (ii) Curvas de Enunciação (o que se diz), (iii) Linhas de Força (elementos que criam pressão) e (iv) Linhas de Subjetivação (as subjetividades envolvidas).

Nesse contexto, é importante enfatizar que, no processo de imersão nas mídias digitais, ainda que as buscas tenham sido guiadas pelo objetivo de interpretar como vinham sendo disseminadas as informações sobre o turismo em favelas cariocas, o conteúdo de algumas matérias analisadas extrapolou a temática do turismo. Assim, na leitura crítica sobre as mesmas, apresentada a seguir, foi possível captar, complementarmente, algumas questões que tendem, também, a contribuir para contextualizar como as favelas cariocas são expressas, de forma geral, no cotidiano da cobertura jornalística pesquisada, independentemente de sua apropriação pela atividade turística.

Análise interpretativa dos conteúdos midiáticos

Os conteúdos midiáticos são, em tese, capazes de difundir informações importantes e de utilidade para a sociedade. Mas muitas vezes podem, também, gerar distorções sobre a realidade, além de, por vezes, contribuir para disseminar preconceitos. Considerando o seu poder de alcance e, a sua influência nas representações sobre turismo nas favelas, a análise apresentada, a seguir, buscou interpretar os conteúdos midiáticos à luz da noção de dispositivo elaborada por Foucault, e revisitada por Deleuze, segundo os quatro eixos analíticos anteriormente mencionados.

⁷ O Google foi escolhido por ser o maior buscador disponível. Ele foi usado em modo anônimo, de forma que as pesquisas anteriores realizadas no mesmo computador não tiveram influência sobre o resultado/relevância da busca. O ordenamento da apresentação se deu pela ferramenta de relevância do próprio buscador, que leva em consideração o número de acessos dos veículos e a quantidade de vezes que as palavras-chave da pesquisa foram apresentadas no texto.

⁸ O objetivo de realizar a busca também em inglês foi contemplar não apenas o que se diz “de dentro”, mas os discursos que vêm de fora da cultura brasileira, que percebe o fenômeno do turismo em favelas cariocas de forma exógena.

(i) Curvas de Visibilidade

De uma forma geral, a favela é interpretada na mídia, com frequência, como um reduto de pobreza, um problema que o Estado não conseguiu enfrentar. E, como tal, um espaço a ser velado do resto da sociedade. Um outro viés de interpretação traduz a favela como um espaço criativo e pulsante da cidade, onde ocorre o *funk*, a capoeira, o baile charme, as feijoadas na laje e os grafites e como tal, um símbolo da brasilidade. Dessa dualidade surge uma questão: a favela constitui um lugar a ser ocultado e evitado ou divulgado e valorizado?

E nesse processo entre ocultar e revelar, nesse jogo entre visibilidade e invisibilidade se expressa a cobertura midiática. Nesse contexto, cabe recorrer à perspectiva de Deleuze (1990, p. 156) quando este afirma que “cada dispositivo tem seu regime de luz, a maneira em que esta cai, se esvai, se difunde ao distribuir o visível e o invisível, ao fazer nascer ou desaparecer o objeto que não existe sem ela”. As curvas de visibilidade são, portanto, as imagens que afloram do dispositivo, confirmando ou contradizendo outros elementos (enunciações, forças e subjetividades) do mesmo.

Tendo como base essa perspectiva analítica, é importante ressaltar que, na fase anterior aos Jogos há uma matéria do jornal *Folha de São Paulo* – Rio de Janeiro recebe maquiagem olímpica para os Jogos (Ref. 04) e, uma outra do *Portal G1* – Muro que separa linha vermelha de favela ganha painéis para olimpíada (Ref. 06) que pareceram materializar este jogo entre visibilidade/invisibilidade em relação

às favelas. Sobre esse tema, a imprensa brasileira expressou a posição das instituições responsáveis pela construção de um muro, cujos porta vozes declararam ser a sua função meramente acústica e, sendo assim, a intenção não seria esconder a favela mas sim proteger os moradores dos ruídos da rodovia. Por outro lado, o jornal inglês *The Guardian* (Ref. 16) deu voz a jovens jornalistas de diferentes favelas e uma delas, uma moradora da Maré, favela segregada por esse muro, opinou sobre essa medida controversa:

Os turistas que vierem de fora do país para as Olimpíadas vão sair do aeroporto e passar por painéis coloridos que escondem a nossa favela. Nós, moradores da Maré, apelidamos esse muro de “muro da vergonha”. As autoridades dizem que é uma barreira acústica para o barulho dos carros não incomodarem os moradores, mas é mentira. É revoltante essa tentativa de negar a nossa existência.

Em se tratando de diferentes pontos de vista, na matéria mencionada, o jornal *The Guardian* publicou, também, imagens (Figuras 1 e 2) que ilustraram a contrastante realidade de quem observava a paisagem local. Do lado externo à favela, por onde passam os veículos, o muro exibia a marca dos Jogos Olímpicos Rio 2016 em coloridos painéis (Figura 1). Em contrapartida, do lado interno, invisível a quem transita pela cidade, eram perceptíveis as pichações nas estruturas públicas e o lixo descartado a céu aberto (Figura 2), que pareciam expressar as condições de descaso e abandono às quais os moradores estão sujeitos, cotidianamente.



Figura 1. Fotografia do Muro Olímpico “por fora”, LightRocket.

Figure 1. Photograph of the Olympic Wall “outside”, LightRocket.

Disponível em: Getty Images e retirada da reportagem do *The Guardian* (Ref.16).

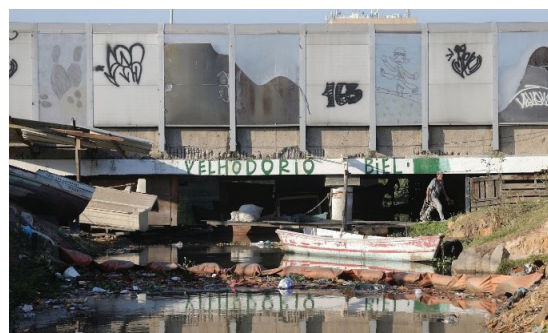


Figura 2. Fotografia do Muro Olímpico “por dentro”, Mario Tama.

Figure 2. Photograph of the Olympic Wall “inside”, Mario Tama.

Disponível em: Getty Images e retirada da reportagem do *The Guardian* (Ref.16).

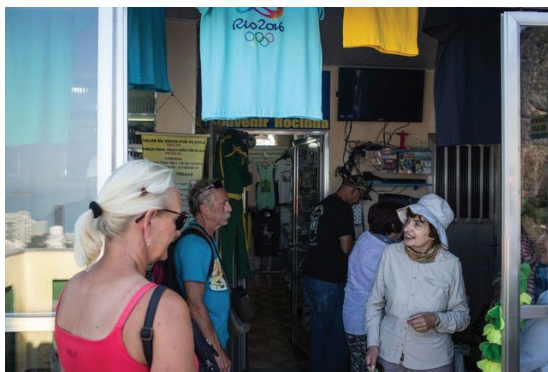


Figura 3. Turistas compram *souvenirs*, Arabian Business (Ref. 39).

Figure 3. Tourists buy souvenirs, Arabian Business (Ref. 39).



Figura 4. Turistas percorrem as ruas da favela em jeep: Imagem Arabian Business (Ref. 39).

Figure 4. Tourists travel the streets of favela by jeep: Image Arabian Business (Ref. 39).

Outros elementos apreendidos na análise que sinalizavam a materialização do binômio visibilidade/invisibilidade do “lugar favela” foram os mapas urbanos e turísticos. Um dos grandes estigmas dessas áreas habitacionais se refere a serem consideradas como espaços “fora do mapa”, uma exclusão nada sutil e facilmente verificada nas consultas realizadas a mapas físicos e virtuais do Rio de Janeiro. O *Google Beyond the Map*, aplicativo oriundo do projeto social “Tá no Mapa”, foi mencionado no diário de um morador da Rocinha para o *The Guardian* (Ref. 16):

O Google pretende mapear 30 favelas do Rio de Janeiro até o fim de 2016. [...] Até 2014, favelas pareciam invisíveis na internet: ruas, vielas, praças, bancos, correios, igreja, templos, e empresas. [...] Segundo os criadores do mapa, o mapeamento é uma forma de autoafirmação do território em relação à cidade. No momento em que a favela é censurada dos mapas da cidade, essa atitude alimenta o estigma de cidade partida.

Ainda ancorada na força da imagem, a matéria do jornal *Arabian Business* (Ref. 39) apresentou tanto ilustrações do que se defende como benefício do turismo em favelas (Figura 3 - a integração visitante e visitado e a geração de renda para o local por meio de comercialização de artesanato e *souvenirs*) como o que se critica como prática degradante (Figura 4 - os jeeps que são considerados, por alguns moradores, como uma forma de “safari tour” ou “zoológico humano”, questão que será desenvolvida posteriormente neste artigo).

Em relação à condição de invisibilidade das favelas, Frenzel (2016) menciona ser a prática

do turismo, nessas áreas habitacionais, uma forma estratégica de tirá-las dessa condição de guetos e de “incomodo” aos governantes e à sociedade, em geral. Segundo declarado pelo autor ao jornal *Vice* (Ref. 5, tradução livre):

Em alguns casos as favelas estão literalmente sendo colocadas no mapa onde eram antigamente ignoradas. De repente no TripAdvisor há centenas de posts dizendo “eu vivi a melhor parte da minha viagem aqui... Eu conheci essas pessoas... eu tive um encontro incrível com a família do meu guia”. Isso ajuda a criar o processo estrutural que eu chamo “valorização” (tornar algo valioso e desejável). Hillsborough em Johannesburg é uma “área de não ir” se você perguntar a qualquer um que vive em Johannesburg – exceto quem mora lá, claro – ainda assim no TripAdvisor é um lugar muito bem cotado para visita.

Partindo dessa linha de raciocínio, Frenzel (2016) defende o turismo em favelas como estratégia para que se possa assegurar a visibilidade dessas localidades. O argumento do autor tem embasamento em Rancière (2004), para quem os jogos políticos têm um fundamento estético que humaniza as pessoas, apenas na medida em que elas são vistas. Considerando esse tipo de argumentação, seria possível afirmar que, independentemente da abordagem discursiva predominante, as mídias digitais contribuem para ampliar a visibilidade desses espaços e, consequentemente, para a construção de uma via de humanização desses ambientes, tradicionalmente relegados à invisibilidade? E esta é uma questão fundamental para reflexão em planejamento turístico que parece ainda sem resposta.

(ii) Curvas de Enunciação

Considerando outra dimensão de análise, neste artigo, se busca refletir sobre o que se expressa, excessivamente, e o que se omite, obsessivamente, na cobertura midiática pesquisada. Nesse caso, quais as principais representações sobre as favelas que emergem desses embates e quais os julgamentos sobre a visita a esses lugares?

Para tentar responder a essas questões, é importante considerar as curvas de enunciação, em termos do que é dito, mas também do que é percebido, porém omitido (o não dito), como curvas de expressão que moldam o dispositivo.

Nesse sentido, cabe aqui resgatar uma palestra proferida em setembro de 2016 sobre o turismo nas favelas cariocas, durante as Olimpíadas. Na ocasião, Freire-Medeiros (Daily Texan, 2016, tradução livre) afirmou que:

Duas aparentemente incompatíveis lógicas se instalaram ao mesmo tempo. Por um lado, as favelas foram acolhidas não apenas como territórios de potencial turístico e oportunidade econômica, mas também como parte fundamental do mito da brasilidade. Mas por outro lado, esses mesmos territórios foram considerados invisíveis ou descartáveis.

O paradoxo discutido pela referência mencionada é percebido, também, no contexto da presente pesquisa. Nesse sentido, aparentemente, as mídias nacionais analisadas buscaram ressaltar os aspectos de brasilidade das favelas e, incentivar o turismo nesses espaços, como expressam as matérias: A vida real das favelas para o turista ver, do jornal *O Globo* (Ref. 03); Projeto gera impacto social nas comunidades cariocas com turismo (Ref. 10), do *Diário do Turismo*; e o trio do *Estadão*: Turismo de inclusão pelas comunidades cariocas (Ref. 12); Longe do asfalto roteiros para conhecer favelas do Rio de Janeiro nas Olimpíadas (Ref. 19); e Comida boa morro acima: onde comer nas comunidades cariocas (Ref. 24).

Após o início dos Jogos Olímpicos Rio 2016, contudo, ficou clara a decepção com o desempenho do turismo nas favelas cariocas, em algumas mídias pesquisadas, nas seguintes matérias: Número de visitantes em favelas caiu até 90% nos Jogos em comparação com a

Copa, *O Globo* (Ref. 32); Turismo Olímpico nas favelas é 10% do obtido na Copa do Mundo, *UOL* (Ref. 34) e Notícias negativas derrubam busca por passeios em favela, *Estado de São Paulo* (Ref. 43).

Por outro lado, no balanço publicado pelo *Diário do Turismo*, com o título Ministério divulga dados do turismo nas Olimpíadas (Ref. 41), o termo “favela” foi mencionado apenas na frase: “apesar dos casos de violência ocorridos durante a Olimpíada, como o assassinato do soldado que entrou por engano na favela, 88,4% dos estrangeiros e 87,1% dos brasileiros avaliaram positivamente a segurança no Rio de Janeiro”.

Essa menção à favela, em associação à violência e onde se entra “por engano”, parece indicar a percepção de que o turismo nessas áreas urbanas ainda não está enunciado positivamente, no discurso do Ministério do Turismo. Contudo, essa percepção parece estar em contradição com o conteúdo de uma outra matéria do próprio Ministério do Turismo sobre o Projeto Favelidade (Ref. 35)⁹, que buscou gerar visibilidade a dez favelas cariocas, no período dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Essa aparente contradição, na forma de se mencionar as favelas em matérias que envolvem a mesma instituição, ilustram o caráter controverso e problemático de enunciação desses espaços, não somente na cobertura midiática, mas também nas narrativas governamentais.

Nessa perspectiva de “quem diz o quê”, é importante ressaltar, quais são os atores que ganham voz. Nesse sentido, há uma clara distinção entre a cobertura jornalística de mídias mais convencionais e a daqueles veículos que se autodenominam de “mídia engajada”, isto é, que assumem um posicionamento político na divulgação dos fatos, sob a perspectiva de minorias e atores sociais não hegemônicos. No caso das favelas, especificamente, o *RioOnWatch* (*Rio Olympics Neighborhood Watch*) é, segundo sua auto definição, “um projeto da organização Comunidades Catalisadoras (ComCat), para dar atenção local e global aos pontos de vista oriundos das favelas do Rio de Janeiro até as Olimpíadas de 2016” (Rioonwatch, 2010). O *RioOnWatch* recorrentemente entrevistou moradores de favela em suas matérias. Na mídia internacional quem cumpre, frequente-

⁹ O Favelidade foi um projeto criado com objetivo de gerar renda e visibilidade para as comunidades durante os *Jogos Olímpicos*. Foi concebido pelo *Favela Experience* (negócio social de operação de viagens e hospedagem em favelas do Rio) e pela Atados (ONG de fomento ao voluntariado) com apoio da *Campanha Passaporte Verde* (desenvolvida pela ONU Meio Ambiente com enfoque em turismo sustentável).

mente, esse papel é o jornal *The Guardian* (Ref. 16) que, assim como o *RioOnWatch*, priorizou, na sua cobertura, as vozes locais.

Nesta pesquisa se percebeu, também, que após o início dos Jogos Olímpicos, as matérias positivas sobre essas localidades, veiculadas pela mídia digital brasileira, tiveram caráter apenas pontual, como a matéria do *G1*: Americanos constroem playground em favela do Rio durante Olimpíada (Ref. 36) ou estas eram imprecisas, como foi o caso da matéria Olimpíada alavanca turismo em favelas (Ref. 47)¹⁰, do jornal *O Dia*.

As matérias veiculadas nas mídias internacionais, por sua vez, transitaram entre a divulgação do que era considerado como “o melhor” do turismo em favelas, com destaque para a matéria *How slum tourism can be a good thing* (Ref. 05) do *VICE*, e também para “o pior” dessa atividade. Nesse contexto, críticas à gentrificação causada pelo turismo foram registradas na matéria da *EuroNews* (Ref. 01), enquanto questionamentos sobre a ética da visita de favelas foram apresentados no *News Australia* (Ref. 02). Além disso, alguns textos, vídeos e imagens foram apresentados em outras matérias analisadas (Ref. 23, 25, 31, 37, 39 e 44) abordando o que significa uma favela e ressaltando o conteúdo exótico dessa realidade brasileira.

Uma imagem claramente pejorativa, associada à violência nesses lugares, foi também veiculada pelo *DailyMail* (Ref. 22), que sugeriu, ironicamente, que ao se hospedar nas favelas, o turista poderia ter uma experiência autêntica do Rio, “incluindo os tiroteiros” (sic). O jornal *Miami Herald* (Ref. 28), por sua vez, afirmou, também em tom sarcástico, que “no Rio os bandidos correm pelo ouro – e outros bens de turistas”, apresentando, inclusive, entrevistas com jovens moradores de favelas que admitiam se aproveitarem do contexto das aglomerações para a prática de pequenos furtos.

A forma como a violência é ressaltada por embaixadas europeias foi traduzida na matéria “O que governos europeus dizem a cidadãos que vão ao Rio” (Ref. 17). Foi mencionado, nesse contexto, que embaixadas da Itália, Suíça, Espanha e de Portugal, entre outras, vinham advertindo, em seus sites oficiais que a violência no Brasil poderia ocorrer em qual-

quer lugar e a qualquer horário. Estas sugeriam, ainda, que o turista não tivesse consigo bens valiosos, e que tivesse, sempre à mão, algum dinheiro para entregar aos bandidos, sem resistência, em caso de alguma eventualidade. Essa menção parece sintetizar como a imagem da cidade tem sido divulgada nos últimos anos.

Ainda sob a perspectiva da imagem veiculada sobre as favelas, alguns exemplos de matérias analisadas parecem ilustrar como as abordagens midiáticas têm a capacidade de influenciar a forma pela qual o turista percebe e descreve essas localidades. Nesse sentido, se observou que nas entrevistas da *RioOnWatch* com turistas estrangeiros em Copacabana (Ref. 40) esses interlocutores expressaram suas impressões sobre a questão da violência associada a essas áreas habitacionais. Ao serem indagados se sabiam o que era uma favela, estes responderam:

“Eu acho que vi uma favela, talvez perto da Lapa? Acho que elas são para as pessoas pobres, elas são perigosas. Eu não fui a uma e não iria”
Werner, 47, Áustria.

“Favelas são o que poderíamos chamar de gueto nos Estados Unidos. Elas não são seguras, são comunidades pobres. Eu queria fazer um tour, porque não é, obviamente, o que todo mundo diz que é. Eu quero visitar uma favela, acho que seria interessante”
Juan, 28, e Sam, 28, EUA.

“Eles dizem que é muito perigoso, mas honestamente eu acho que seria bom visitar [...]. Eu não sei exatamente como isso funciona, mas eu ouvi que elas foram pacificadas, então eu acho que isso significa que elas estão seguras. Você sabe qual favela seria mais segura para nós visitarmos?”
Jimena e Michal, Argentina.

Esse breve extrato de alguns dos muitos trechos reproduzidos pelo *RioOnWatch* ilustra como a favela é percebida, quase sempre, como um espaço de pobreza e violência, mas que, enquanto muitos consideram este contexto como um impeditivo para uma visita, outros avaliam esse quadro como uma oportunidade para a experiência e imersão na alteridade.

Outra enunciação recorrente na cobertura analisada foi a do turismo como “safári”. O reconhecimento desse viés negativado de

¹⁰ Foi realizada entrevista com uma das fontes da matéria para compreender porque era apresentado por ela um panorama diferente das demais. Ficou claro que os dados foram interpretados pela mídia com algumas imprecisões dentre as quais, a denominação de “empregos” para postos de trabalho temporários e informais, além da divulgação de números de um período de tempo superior (pré-Olimpíadas) como se fossem relativos apenas aos dias dos Jogos Olímpicos.

interpretação sobre esse tipo de turismo se expressou na fala do guia da Favela Santa Marta: “há tours que buscam a miséria. São *jeep tours* que não pisam na comunidade. E como se a favela fosse um safari na África” (Ref. 27, livre tradução). É importante, nesse caso, que se reflita sobre o risco que esse tipo de turismo pode gerar de, ao invés de integrar e informar, contribuir para a discriminação, como discutem alguns autores de referência neste debate.

Todas as formas de discriminação nada mais são do que formas simplificadas e degradantes de re-tratação do que é diferente, sendo esse processo provocado por imagens distorcidas do outro [...]. Estas expressam o sentido de discriminação e as dificuldades de vivenciar a diversidade, a alteridade, como se o outro fosse o próprio inferno, parafraseando Sartre (Nascimento e Costa, 2015, p. 91).

Por esse caminho, o temido “criminoso” ou “marginal”, fonte de apreensões da população da cidade e também dos turistas, pode se materializar de forma preconceituosa na figura do “favelado”, causando o que Jodelet (2001) denomina como “alteridade de dentro”. Esta se refere ao caso daqueles que são “marcados com o selo da diferença, seja ela física (cor, raça, deficiência, etc.) ou ligada a uma pertença de grupo (nacional, étnico, comunitário, religioso, etc.)”. Segundo a autora, essas pessoas estigmatizadas “se distinguem no seio de um conjunto social ou cultural e podem aí ser considerados como fonte de mal-estar ou de ameaça” (Jodelet, 2001, p. 48). Nessa abordagem, a cobertura midiática pode, também, contribuir para a propagação de uma imagem estereotipada do “criminoso” ou de outros grupos marginais (Vogel, 2009), incluindo, nesse processo, os próprios moradores de favela.

Muitas vezes as imagens estereotipadas desses lugares e pessoas se transformam em tabus e são, inclusive, camufladas nos textos expressos pela cobertura midiática. Por isso, é importante analisar quais são as interdições, isto é, o que parece ser silenciado nos enunciados sobre a favela. Nesse contexto cabe resgatar o pensamento de Foucault (2014) para quem a “palavra proibida” representa um sistema de exclusão do discurso.

Ainda nesse sentido, Foucault (1987) menciona como espaços desviantes na sociedade, os lugares que abrigam tabus e questões que não se quer ver nem debater. O pensador relacionou os hospícios, os conventos e as prisões como os principais espaços com esse perfil,

mas incluiu, ainda neste rol, os asilos, já que em uma sociedade tão ocupada e produtiva é muito desviante simplesmente “velhar”, como cunhou Guimarães Rosa (1992). Nessa mesma perspectiva, se poderia pensar sobre as favelas (lugares onde habitam pessoas com baixo poder aquisitivo) como espaços desviantes em uma sociedade de consumo. Também por esta razão, o “consumo turístico” nesses lugares é tão paradoxal. Por essa via reflexiva, para Freire-Medeiros (2009), a grande polêmica e o que imprime uma condição controversa ao turismo em favelas se relacionam, exatamente, aos códigos morais da cultura ocidental, que ditam que se deve evitar a relação entre prazer e pobreza.

No plano dessas contradições, o visto e o não visto, o dito e o não dito tendem a influenciar os processos de tomadas de decisão dos mais diversos atores e, conseqüentemente, a se refletir na vida cotidiana e na configuração do lugar. Assim, os elementos de visibilidade e, a enunciação, parecem contribuir para a configuração das linhas de força, como será discutido a seguir.

(iii) Linhas de Força

Visibilidade e enunciação se complementam e constituem, conjuntamente, o saber, uma ferramenta de poder e de manipulação, segundo Foucault (2000). E é justamente a partir do saber que se articulam as linhas de força. Nesse sentido, as instituições de educação e as mídias de grande audiência são consideradas, pelo autor, como vias de expressão de poder, na medida em que podem influenciar e mesmo moldar realidades e percepções, com base na produção do saber. E esses poderes são múltiplos. Desde os mais convencionais, como as mídias, os governos e o mercado, até os micro-poderes, exercidos em várias direções por pessoas físicas e jurídicas, atores singulares e coletivos, hegemônicos e marginais.

No que se refere à composição de linhas de força, o Estado (nas esferas federal, estadual e municipal e em todas as suas competências; no executivo, no legislativo e no judiciário) representa um ator importante. No plano da gestão pública, no caso brasileiro, no entanto, o turismo tem sido tratado de uma forma predominantemente liberal, sendo compreendido frequentemente como uma atividade econômica de mercado, com suas próprias forças de regulação. Contudo, as inúmeras críticas relacionadas, especifi-

camente ao turismo em favelas, nos moldes mercadológicos de “safaris” e “zoológicos”, parecem ter influenciado uma ação do Poder Legislativo do Rio de Janeiro. Na busca pela regulamentação dessa alternativa na cidade, evitando que a atividade beneficie apenas agências de turismo em formatos que desrespeitam os moradores locais, foi proposto em dezembro de 2015, em âmbito estadual, o Projeto de Lei Nº 1599/2015 que cria Áreas de Especial Interesse Turístico em 20 favelas do Rio de Janeiro¹¹. O diário produzido por um jovem jornalista da Rocinha para o *The Guardian* (Ref. 16, tradução livre) traduz uma impressão favorável a essa iniciativa:

Os operadores de turismo tratam as favelas como zoológicos, mas isso deve terminar em breve. Uma proposta de lei para reformar os “safaris tours” foi proposto à câmara pelo vereador Célio Lupporelli, que afirmou que as visitas são agendadas por empresas de fora da favela que dão pouca atenção aos aspectos culturais, históricos e artísticos da comunidade. Ao contrário, os turistas apenas focam na degradação, pobreza, violência e miséria e partem sem nenhuma interação com a cultura local.

Além dos conhecidos *jeep tours*, uma outra consequência da atitude liberal do Estado nas favelas tem sido o aumento do custo de vida e a gentrificação. A matéria da CBC (Ref. 30) reforçou, por exemplo, o impacto dessas mudanças da dinâmica urbana, a partir da perspectiva de uma moradora e empreendedora do Vidigal. Ela afirmou que “aqui virou outro lugar, o preço de tudo subiu” se referindo, sobretudo, à alimentação e ao aluguel, condicionado por uma forte pressão advinda da especulação imobiliária.

Outro aspecto importante a ressaltar nessa reflexão é o papel da mídia na configuração de linhas de poder no debate sobre a favela e seu uso turístico, quando esta determina os atores que têm voz. Por exemplo, o jornal britânico *The Guardian* priorizou a perspectiva de uma moradora da favela, que criticou o “muro da vergonha”, conforme apresentado previamente, quando foram analisadas as curvas de visibilidade (Ref. 16). Em contrapartida, com relação ao mesmo caso, o Portal G1 (Ref. 06), das Organizações Globo, destacou a perspectiva do poder público, este representado pela voz do secretário municipal de turismo:



Figura 5. Fotografia de protesto de moradores contra as UPPs nas favelas - Pacificação sem oportunidade e educação é como apagar o fogo com gasolina. RioOnWatch (Ref. 38)

Figure 5. Photograph of residents protesting against the UPPs in the favelas - Pacification without opportunity and education is like putting out the fire with gasoline. RioOnWatch (Ref. 38).

¹¹ “O presente projeto é fruto da construção democrática que uniu, por meses, guias de turismo das diversas favelas cariocas, a Secretaria Municipal de Turismo, a RioTur, a Rede de Conexão de Turismo em Favelas (Contur), instituições de pesquisa públicas e privadas e os técnicos deste gabinete na busca pela proposta que tornasse o turismo em favelas instrumento de protagonismo social local, distribuição de renda para as favelas, união entre os cariocas e justiça social para aqueles que realizam o turismo de base comunitária, sem prejuízos ao restante do mercado operador” (Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 2015). Uma proposta semelhante, a Lei 7884 foi aprovada em março de 2018: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/CONTLEI.NSF/c8aa0900025feef6032564ec0060dfff/59c9d4f6aca1854c83258248005b0f60?OpenDocument>.



Figura 6. Fotografia de jovens traficantes deixando um fuzil de lado para fazer uma oração com o pastor Nilton em uma favela do Rio de Janeiro. Foto Felipe Dana/UOL.

Figure 6. Photograph of young drug dealers leaving a rifle aside to pray with Pastor Nilton in a favela in Rio de Janeiro. Photo Felipe Dana/UOL.

Assim que começamos esse trabalho, eu já esperei por essa história de esconder a favela. Só que não existe isso, até por ser impossível esconder algo tão grande, ainda mais no Rio, que tem tantas favelas [...]. As favelas do Rio sempre são vistas por quem chega à cidade e já são tratadas por nós como ativo turístico. Elas atraem a atenção de muita gente que vem ao Rio, principalmente estrangeiros.

A mídia tem, portanto, o poder de selecionar as linhas de abordagem e as vozes que serão ouvidas em cada caso e, muitas vezes, de direcionar o tom da informação veiculada. A manchete “Notícias negativas derrubam busca por passeios em favela”, de uma matéria publicada pelo jornal *Estado de São Paulo* (Ref. 43), parece ilustrar esse potencial de influência da mídia no próprio fluxo de turistas. Mas, nesse caso específico, os motivos que levaram à diminuição do número de turistas nessas localidades não foi o debate ético sobre a exotização dos moradores, mas sim a disseminação do medo da violência e da transmissão do Zika vírus, segundo os argumentos apresentados pelo jornal mencionado.

Mas é importante enfatizar que, para além da própria mídia, o contexto do tráfí-

co de drogas também contribui para a formação de linhas de força, com grande influência no processo de visitação das favelas. O turismo, nesse caso, representa uma ameaça para o tráfico, uma vez que gera movimentação de pessoas novas no lugar e dificulta o discernimento sobre quem constitui, ou não, um risco para as atividades criminosas. As fotografias frequentemente registradas pelos turistas também são interpretadas, por traficantes, como um risco e podem provocar reações violentas do tráfico, como informaram as seguintes matérias analisadas: Bandidos capturam turistas que fotografavam favela no Rio, da *Revista Veja* (Ref. 20); e Turistas suecos são rendidos e levados para favela do Rio, diz polícia da *Folha de S. Paulo* (Ref. 21), que apresentam essa complexa condição¹². Tais matérias ilustram como a violência se configura como uma linha de força relevante nessa dinâmica. Durante as Olimpíadas, essa problemática não apenas afastou turistas dessas localidades como impossibilitou a celebração de conquistas olímpicas, pelos próprios moradores, conforme ressaltado em uma outra matéria analisada:

¹² Três suecos foram presos por traficantes por estarem filmando um panorama da favela no qual o tráfico estava inserido. A polícia entrevistou, informada do crime pelo motorista do Uber que esperava os três turistas no carro, e eles foram libertados sem ferimentos.

Muitos moradores da Cidade de Deus estavam comentando sobre a Rafaela Silva ter ganho a medalha de ouro e estava acontecendo um intenso tiroteio. Era ouro e tiro ao mesmo tempo. Então não teve nem como a comunidade se organizar pra recebê-la lá com essa medalha (The Guardian – Ref. 16).

Ainda no âmbito da violência como linha de força, retratada pela mídia, é importante resgatar que, como já apresentado, o fluxo de turismo nas favelas do Rio de Janeiro foi intensificado com a instalação das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) nesses territórios, política esta iniciada em 2008. Há, contudo, severas críticas a esse processo e aos seus resultados, conforme enfoque da matéria Rio 2016 é piada pronta – humor como resistência aos Jogos Olímpicos (Ref.38) sintetizado na Figura 5.

Além do tráfico, questões de cunho religioso nas favelas também se configuram como linhas de força, diretamente relacionadas com o turismo e a violência. Nesse contexto, se percebeu pela cobertura jornalística analisada que, algumas lideranças exercem um poder contraditório que, ao mesmo tempo, pode contribuir para conter e estimular a violência, ora pregando a paz e a irmandade, ora incentivando a intolerância e o preconceito às religiões de matrizes africanas (Geledes, 2014; BBC News, 2016).

Nesse sentido, a Figura 6, a seguir, ilustra como religião e violência são questões frequentemente relacionadas a esses espaços. Na matéria “Olimpíadas: fotógrafo retrata Rio que turista não vê” (Ref. 11), jovens envolvidos com o tráfico de drogas nas favelas demonstraram, por exemplo, grande respeito por um pastor que, segundo a reportagem, já foi também traficante.

Nesse caso, diante das informações sistematizadas e até aqui analisadas, pode-se considerar que, todas essas linhas de força, isto é, os poderes exercidos sobre as pessoas e sobre os lugares, influenciam a representação dessas pessoas e desses lugares, em suas identidades e subjetividades. Mas em que medida os sujeitos sociais tendem a ser empoderados ou enfraquecidos nessas linhas de forças que parecem ser exercidas pela mídia e, aparentemente, também pelo próprio turismo?

(iv) Linhas de Subjetivação

Nesse jogo de luzes e sombras reforçado pelas curvas de visibilidade e enunciação, nessas disputas de poder nas linhas de força, vão surgindo as linhas de subjetivação que, no

caso analisado, tendem a moldar a identidade dos moradores das favelas perante a sociedade e, diante de si mesmos. Nesse sentido, Deleuze (1990, p. 158) esclarece que uma linha de subjetivação “está pra se fazer, na medida em que o dispositivo o deixe ou o faça possível”. Esta representa uma “linha de fuga” na medida em que “escapa às linhas anteriores. O si-mesmo não é nem um saber nem um poder. É um processo de individuação que diz respeito a grupos ou pessoas, que escapa tanto às forças estabelecidas como aos saberes constituídos”. É, portanto, a constituição do sujeito que se expressa em um processo de individuação (que pode ser singular ou coletivo), no esforço de subtração das relações de força do poder e do saber.

Nessa perspectiva de subjetivação, nas matérias das mídias analisadas, nas quais os moradores tiveram voz, foi possível apreender as suas reivindicações por mais estrutura e melhorias objetivas, mas foi expressa, também, uma clara demanda por reconhecimento simbólico, pelo acolhimento e pela integração da favela à cidade, como ilustrado pela matéria do *The Guardian* (Ref.16):

Moradores da Rocinha estão se mobilizando para inserir o nome da favela na futura estação de metrô que será inaugurada. O local está em fase final de obras, mas já foi batizado com o nome de “Estação São Conrado”, de acordo com a Secretaria de Estado de Transportes. Nossa comunidade acredita que a nomenclatura é uma questão de inclusão social e visibilidade ante à sociedade [Desde que esta parte do diário foi escrita, uma das entradas para a estação passou a se chamar São Conrado-Rocinha].

Esse tipo de reivindicação parece indicar que os sujeitos moradores das favelas buscam visibilidade e reconhecimento. Mas em que medida o turismo poderia ampliar ou afetar essa visibilidade desejada? Claire Willians (2008, p. 486), em sua pesquisa sobre o perfil do turista de favelas do Rio de Janeiro, salienta que, apesar das diferenças de perfis, “o comum a todos [os turistas] é o olhar e o jeito que ele constitui relações de poder, distanciamento e conhecimento entre quem vê e o outro exótico que é visto”.

Esse desejo de ver o outro (da parte do turista) parece mais claro na pesquisa de Freire-Medeiros *et al.* (2013), segundo a qual, 90% dos turistas estrangeiros entrevistados antes de um *tour* de favela no Santa Marta, no Rio, concordam que “conhecer outros modos de

vida” é a principal motivação para esse tipo de turismo. Mas esse encontro, segundo a autora, muitas vezes é mediado pela romantização de uma imagem idealizada.

O “turismo de realidade” fundamenta sua identidade distintiva no suposto caráter autêntico e interativo do encontro que promove. A possibilidade de vivenciar as emoções do outro – entidade potencialmente tão diversa quanto os índios da América do Sul, as vítimas do holocausto nazista e os favelados cariocas (Freire-Medeiros, 2006, p. 6).

Contudo, a diferença entre a expectativa e a avaliação da experiência pós-visita (Quadro 1) explicita que as imagens absorvidas pelos visitantes, a partir dos discursos da mídia e de outras fontes de informação, anteriores a um contato real com essas localidades, tendiam a expressar a expectativa de uma favela mais caótica, suja e precária do que o que foi efetivamente experimentado na realidade, pelo menos no caso do Santa Marta (Freire-Medeiros *et al*, 2013), ilustrado sinteticamente no Quadro 1. Neste quadro a primeira coluna corresponde à frequência decrescente do que os entrevistados esperavam encontrar na favela, antes de sua visita, e a segunda coluna mostra a mudança para o que disseram, de fato, ter encontrado – também em ordem decrescente¹³.

Segundo a pesquisa mencionada, 400 visitantes entrevistados na favela Santa Marta, em 2013, confirmaram suas expectativas de encontrar pobreza nas favelas, mas, também, se surpreenderam com o nível de desenvolvimento e de solidariedade entre os moradores, além das recorrentes manifestações de felicidade e de tradições nos locais visitados. Certamente, a experiência vivida ajudou a desconstruir a imagem que esses turistas tinham preconcebido em relação à favela e aos seus moradores apenas com base em narrativas midiáticas que costumam ser disseminadas sobre essas áreas residenciais periféricas.

Nesse caso, a experiência vivida do turismo nas favelas parece ter contribuído para a transformação do visitante e, possivelmente, teve impactos também sob os visitados. E nos encontros proporcionados por esse tipo de experiência, cabe ressaltar que “todos os envolvidos (‘quem está’, ‘quem chega’ e os eventu-

Quadro 1. Matriz síntese entre expectativas e impressões pós-visita na Favela Santa Marta.

Chart 1. Synthesis matrix relating expectations and impressions after tour in Favela Santa Marta.

Expectativa pré-visita	Avaliação pós-visita
Pobreza	Pobreza
Bagunça / Desordem	Desenvolvimento
Sujeira	Solidariedade
Solidariedade	Felicidade
Desenvolvimento	Tradição
Tradição	Sujeira
Saneamento precário	Saneamento precário
Felicidade	Bagunça / Desordem

Traduzido e adaptado de Freire-Medeiros *et al.* (2013, p. 157).

ais ‘agentes’ de intermediação entre estas duas instâncias) são, simultaneamente, sujeitos e objetos de processo, e não meras peças de uma engrenagem operada à distância por controle remoto” (Irving, 2015, p. 63).

Nesse sentido, no turismo de base comunitária, como pode ser enquadrado genericamente o turismo em favelas, diferentemente do *jeep tour*, o morador é visto, mas ele também vê e interage. Propiciar a troca e o reconhecimento desses lugares e dessas pessoas, de forma menos estigmatizada, tende a ser a maior promessa do turismo para as favelas na perspectiva de Frenzel (2016). Uma matéria veiculada pela ONG *Tourism Concern* (Ref. 26, tradução livre) reforça a defesa desse tipo de experiência como uma alternativa para a diminuição de preconceitos.

Depois de três horas convivendo com os moradores, a maioria dos turistas percebe que os locais são pessoas comuns, não a caricatura de monstros homicidas desenhada por alguns filmes de favelas. Como uma visitante me disse depois do seu tour: “eu esperava ver pobreza, depressão e talvez alguns tiros... mas eu vi gente alegre, eu vi gente resolvendo seus problemas cotidianos, como qualquer um faz”. Preconceito desconstruído.

O desejo de combater o estigma parece claro também na fala de uma das moradoras do Complexo do Alemão para o *RioOnWatch* (Ref. 49): “A favela não deve ser tratada como uma

¹³ A metodologia consistiu em pedir aos turistas que ordenasse as palavras de forma decrescente com relação às suas expectativas minutos antes de chegar à favela Santa Marta. O mesmo questionário foi repetido ao final do tour e a comparação das 400 respostas antes e depois deu origem ao quadro apresentado.

coisa exótica, fora da realidade ou digna de pena. Os moradores de favela carregam uma bagagem de força e energia para transformar realidades”. E esta interlocutora completou a sua leitura com a seguinte frase: “Costumo dizer que quase todo morador de favela é um ativista, porque a resistência precede ao ativismo e o contexto de favela por si só é marcado de luta e resistência”.

Além de contribuir potencialmente para diminuir o estigma e o preconceito com relação à favela, receber o turista pode ainda representar um reforço à autoestima dos moradores dessas localidades, conforme a declaração de um especialista em turismo para o portal da ONG *Tourism Concern* (Ref. 26, tradução livre).

Você provavelmente se surpreenderá ao perceber como os locais estão interessados em falar com você e contente por você estar ali. É importante considerar quão estigmatizados são os residentes de favelas na sociedade brasileira padrão. } Um estudo mostrou que ser morador de favela gera mais preconceito que o racismo e o sexismo no Brasil (Perlman, 2010). Como um guia local me explicou “os brasileiros não prestam a menor atenção neles (moradores de favela)” então quando os turistas visitam essas comunidades “os locais se sentem orgulhosos de serem visitados e querem contar suas histórias”.

Nesse sentido, visibilidade, reconhecimento, valorização e autoestima são citados, frequentemente, como benefícios da atividade turística em favelas praticada de forma humanizada – o que exclui os *jeep tours* apelidados de “safaris”. E a mídia, por sua vez, com base na leitura crítica das matérias analisadas nesta pesquisa, parece desempenhar um papel central no fortalecimento de uma via de diálogo entre o potencial turista e os moradores das favelas, podendo promover a integração entre esses atores, ou, pelo contrário, estimular o preconceito em relação a essas localidades e pessoas.

Esse preconceito parece constituir uma linha de força que, muitas vezes, impede o sujeito de exercer livremente sua identidade. Os movimentos de resistência cultural constituem, nesse sentido, fortes “linhas de fuga”, na linguagem de Deleuze, pois eles buscam escapar dessas forças limitantes. Entendendo a mídia, portanto, como um dispositivo que exerce poder sobre a enunciação do turismo nas favelas do Rio, parte do que escapa, a essa cobertura jornalística parece ser os sujeitos em seus movimentos de resistência e autonomia.

Entretanto, como concluiremos a seguir, a mídia se apresenta, como um ator ambíguo que ora aproxima o turista e o morador da favela, ora desestimula essa relação, o que expressa a grande complexidade que envolve o tema proposto como reflexão neste artigo.

Algumas considerações a partir desta análise

Como previamente discutido, o presente artigo se baseou na leitura de poder como uma força dispersa que não é exercida unilateralmente, mas resulta de microesferas que circulam, simultaneamente, em múltiplas direções. Inspirado pela perspectiva de Foucault (2007) revisitada por Deleuze (1990), referências centrais para a discussão proposta, se partiu da premissa de que o saber representa uma das fontes de poder mais evidentes na contemporaneidade e, nesse sentido, a mídia exerce importante influência na sociedade.

Tendo essa premissa como ponto de partida, o objetivo deste artigo foi interpretar como a mídia digital decodifica e dissemina o turismo em favelas do Rio de Janeiro, em um período de grande visibilidade nacional e internacional para a cidade, o megaevento dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Para tanto, o percurso metodológico escolhido envolveu a seleção e a análise de matérias jornalísticas, publicadas por mídias digitais nacionais e internacionais no período anterior e posterior a esse megaevento, assim como a leitura crítica dessa cobertura, à luz da noção de dispositivo formulada por Foucault e revisitada por Deleuze.

Em linhas gerais, a análise das matérias selecionadas indicou uma clara prevalência da imagem negativada das favelas cariocas, quase sempre relacionada à violência e ao caos urbano. Nesse contexto, esses ambientes foram mencionados, recorrentemente, como fontes de problemas, ao invés de serem traduzidos como espaços possíveis para o turismo e como lócus de socialização de uma parcela relevante da população da cidade.

A mídia digital, no período analisado, difundiu as favelas cariocas também de modo contraditório, sendo estas decodificadas tanto como lugares para se visitar, como espaços a serem evitados. Mas qual a origem dessa contradição? Esta é uma questão que mereceria uma reflexão mais aprofundada no futuro.

Foi possível perceber, ainda, pela cobertura jornalística analisada, que são múltiplas as vozes trazidas para o debate, assim como são

diversificados os atores reconhecidos como tal, na interface com o turismo em favelas no Rio de Janeiro. E, apesar dessa multiplicidade de formas e cores no discurso midiático, um elemento esteve presente em grande parte das narrativas midiáticas: o estigma da favela e do “favelado”.

Entretanto, ao mesmo tempo em que esta investigação identificou meios de comunicação que ainda reproduzem estigmas, se percebeu no discurso midiático, também, o reconhecimento do turismo como uma via possível para o seu enfrentamento e para a valorização desses espaços urbanos ainda periféricos na dinâmica da cidade.

Nesse sentido, o deslocamento de foco de uma imagem da favela como um lugar associado principalmente à violência e à falta de infraestrutura, para o seu entendimento como um *locus* de sociabilidade e cultura, parece sinalizar na direção de caminhos possíveis para a neutralização de alguns desses estigmas. Nesse contexto, se compreende que as mídias digitais podem exercer um papel central para promover essa “desestigmatização”. Esse movimento tenderia a aproximar as pessoas, além de contribuir para desmistificar o medo (que favorece segmentos como o tráfico de drogas e as milícias) e, para difundir algumas questões sociais relevantes na dinâmica dessas localidades, dificultando a omissão por parte do poder público. Sob essa perspectiva, o turismo em favelas se expressa como uma via potencialmente interessante para a revelação da dinâmica de algumas das forças invisíveis que se configuram nesses territórios.

Mas apesar da potencial contribuição do turismo para a visibilidade das favelas cariocas, é importante ressaltar que, na atual conjuntura, passados dois anos da realização dos *Jogos Olímpicos Rio 2016*, um grave contexto de crise econômica, social e política se instalou na cidade do Rio de Janeiro. Essa nova realidade tem reflexos evidentes na dinâmica urbana e na difusão negativada da cidade, em âmbitos nacional e internacional, o que tende a comprometer, de maneira inevitável, as potencialidades turísticas destas localidades, pelo menos em curto e médio prazos.

Nesse sentido, considerando os atuais e crescentes índices de violência na cidade do Rio de Janeiro, como seria a cobertura midiática sobre o turismo nas favelas cariocas atualmente? Seria essa uma real possibilidade? Este contexto recente certamente inspiraria uma outra leitura da mídia sobre o turismo em favelas e estas, provavelmente, seriam ainda

mais estigmatizadas do que no momento de realização dos Jogos Olímpicos de 2016.

Por todas estas inquietações, seria interessante que se investigasse, sob novos prismas, as matérias midiáticas no contexto atual sobre as favelas cariocas, uma vez que o desenvolvimento do turismo nestas áreas parece, a cada dia, mais improvável.

No que tange aos possíveis desdobramentos desta pesquisa exploratória, seria importante, ainda, que se investigasse, especialmente, como o turismo poderia se tornar uma via efetiva para a inclusão social e para o desenvolvimento das periferias urbanas e, em particular, para o enfrentamento dos dilemas relacionados ao cenário de violência crescente na capital fluminense.

E muitas são as lições oriundas da realização dos Jogos Olímpicos de 2016 mas, mais relevantes do que elas, são aquelas que resultaram do período pós Rio 2016. Talvez parte delas possa inspirar a construção de alternativas futuras para o turismo nas favelas cariocas, que atualmente parecem apenas uma utopia urbana.

Referências

- AGAMBEN, G. 2005. O que é um dispositivo? *Outra Travessia*, (5):9-16.
- BASU, K. 2012. Slum tourism: For the poor, by the poor. In: F. FRENZEL; K. KOENS; M. STEINBRINK (eds.), *Slum tourism: Poverty, power and ethics*. New York, Routledge, p. 66-82.
- BBC News. 2016. Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil? Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm Acesso em: 10/12/2017.
- BENTES, I. 2007. Sertões e favelas no cinema brasileiro contemporâneo: estética e cosmética da fome. *ALCEU*, Rio de Janeiro, 8(15):242-255.
- BURGOS, M.B. 2002. *A utopia da comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca*. Rio de Janeiro, Edições Loyola, 249 p.
- CAMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. 2015. Projeto de Lei nº 1599/2015 - Cria Áreas de Especial Interesse Turístico na cidade do Rio de Janeiro e dá outras providências. Disponível em: http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro1316.nsf/b63581b044c6fb760325775900523a41/6b2b4137702a18c483257ef30041e6d7?OpenDocument#_Section3. Acesso em: 01/07/2016.
- DAILY TEXAN, THE. 2016. Visiting professor from Brazil discusses favela tourism after the Olympics. Disponível em: <http://www.dailytexanonline.com/2016/09/29/visiting-professor-from-brazil-discusses-favela-tourism-after-olympics>. Acesso em: 12/11/2018.

- DELEUZE, G. 1990. O que é um dispositivo? In: *O mistério de Ariana*. Lisboa, Veja/Passagens, p. 83-96.
- EXAME. 2016. Metade do mundo ainda assiste à olimpíada, diz COI (Comitê Olímpico Internacional). 17/08/2016. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/mundo/metade-do-mundo-ainda-assiste-a-olimpiada-diz-coi/>. Acesso em: 22/10/2017.
- FOUCAULT, M. 2000. *A arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitário, 264 p.
- FOUCAULT, M. 2014. *A ordem do discurso*. Rio de Janeiro, Edições Loyola, 80 p.
- FOUCAULT, M. 2007. *Microfísica do poder*. São Paulo, Editora Graal, 432 p.
- FOUCAULT, M. 1987. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis, Edições Vozes, 296 p.
- FREIRE-MEDEIROS, B. 2009. The favela and its touristic transits. *Geoforum*, **40**(2):580-588. <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2008.10.007>
- FREIRE-MEDEIROS, B. 2006. *Images of Brazil in a Global Circulation/ O Brasil que se exporta*. A construção da favela como atração turística. Disponível em: <https://slidex.tips/download/a-construcao-da-favela-como-atraao-turistica>. Acesso em: 10/02/2018.
- FREIRE-MEDEIROS, B.; VILAROUCA, M.G.; MENEZES, P. 2013. International tourists in a 'pacified' favela: Profiles and attitudes. The case of Santa Marta, Rio de Janeiro. *DIE ERDE – Journal of the Geographical Society of Berlin*, **144**(2):147-159.
- FRENZEL, F.; KOENS, K. 2012. Slum tourism: Developments in a young field of interdisciplinary tourism research. *Tourism geographies*, **14**(2):195-212. <https://doi.org/10.1080/14616688.2012.633222>
- FRENZEL, F. 2016. *Slumming it*. Londres, Zed Books, 224 p.
- GELEDES. 2014. Por dentro da guerra evangélica contra as religiões de matriz africana no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/por-dentro-da-guerra-evangelica-contras-religoes-de-matriz-africana-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 12/12/2017.
- GEORGE, R.; BOOYENS, I. 2014. Township tourism demand: Tourists' perceptions of safety and security. *Urban Forum*, **25**(4):449-467. <https://doi.org/10.1007/s12132-014-9228-2>
- IBGE. 2011. Censo Demográfico. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 05/01/2018.
- IRVING, M. de A. 2015. Turismo, áreas protegidas e inclusão social: uma triangulação. In: IRVING; RODRIGUES; RABINOVICI; ARAUJO, Áreas protegidas e inclusão social: *Diálogos entre saberes e fazeres*. Rio de Janeiro, Ed. Folio Digital, p. 51-79.
- JODELET, D. 2001. Representações sociais: um domínio em expansão. In: D. JODELET (ed.), *As representações sociais*. Rio de Janeiro, UERJ, p. 17-44.
- KARNANI, A. 2011. Romanticizing the poor. In: KARNANI, A., *Fighting Poverty Together. Rethinking Strategies for Business, Governments, and Civil Society to Reduce Poverty*. Nova York, Palgrave Macmillan US, p. 85-109. https://doi.org/10.1057/9780230120235_4
- KLEIN, O.J. 2007. A gênese do conceito de dispositivo e sua utilização nos estudos midiáticos. *Estudos em Comunicação*, **V**(1):215-231. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/01/pdfs/klein-otavio-genese-do-conceito-de-dispositivo.pdf>. Acesso em: 10/02/2018.
- LEITE, M.P. 2000. Entre o individualismo e a solidariedade: dilemas da política e da cidadania no Rio de Janeiro. *Red Revista Brasileira de Ciências Sociais*, **15**(44):43-90. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092000000300004>
- NASCIMENTO, E.P.; COSTA, H.A. 2015. O jogo da inclusão e exclusão na dinâmica da sociedade moderna: Uma reflexão aplicada ao turismo. In: IRVING; RODRIGUES; RABINOVICI; ARAUJO, *Turismo, áreas protegidas e inclusão social: Diálogos entre saberes e fazeres*. Rio de Janeiro, Ed. Folio Digital, p. 81- 112.
- RANCIERE, J. 2004. *The politics of aesthetics: The distribution of the sensible*. Oxford, Ed Bloomsbury, 116 p.
- RIOONWATCH. 2010. Rio on Watch: relatos das favelas cariocas. Disponível em: http://rioonwatch.org.br/?page_id=2. Acesso em: 05/10/2016.
- ROSA, J.G. 1992. *Fita Verde no Cabelo – Nova Velha Estória*. 13ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 32 p.
- RIBEIRO, L.C. de Q. 2004. Cidade e cidadania: inclusão urbana e justiça social. *Ciência e Cultura*, **56**(2):43-45.
- SAMPAIO, S.M.V. 2012. *Uma floresta tocada apenas por homens puros... ou o que aprendemos com os discursos contemporâneos sobre a Amazônia*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 298 p. Disponível em: goo.gl/drZ4cm. Acesso em: 15/08/2017.
- SANTOS, K.S.R. dos. 2015. O turismo como agente impulsionador do processo de gentrificação na favela do Vidigal: a visão do seu morador. *Repositório Universidade Federal Fluminense*, 78 p.
- VALLADARES, L. do P. 2008. *A Invenção da Favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro, Editora FGV, Edição 1, 204 p.
- VOGEL, D. 2009. Sobre Foucault e o Jornalismo. *Verso e Reverso*, **23**(53). Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/5777/2954>. Acesso em: 12/02/2018.
- WILLIAMS, C. 2008. Ghettoism and Voyeurism, or Challenging Stereotypes and Raising Consciousness? Literary and Non-literary Forays into the Favelas of Rio de Janeiro. *Bulletin of Latin American Research*, **27**(4):483-500. <https://doi.org/10.1111/j.1470-9856.2008.00280.x>

Submetido: 12/07/2018

Aceito: 14/10/2018

Apêndice 1. Matriz de matérias selecionadas para análise.

Ref	Título do veículo	Data	Título das Matérias Jornalísticas
01	Euronews	05/07/16	Favela tourism and the human cost of gentrifying Rio
02	News.com.au	05/05/16	The rise of ‘slum tourism’: an inappropriate new travel trend?
03	O Globo	10/07/16	A vida real das favelas para turista ver
04	Folha de São Paulo	12/07/16	Rio de Janeiro recebe maquiagem olímpica para os Jogos
05	VICE	13/07/16	How slum tourism can be a good thing
06	G1	13/07/16	Muro que separa Linha Vermelha de favela ganha painéis da Olimpíada
07	G1	13/07/16	PEGN - Favelas do RJ têm hostels para turistas estrangeiros
08	Estadão	16/07/16	Direto da Olimpíada
09	The Guardian	16/07/16	Will the Olympics offer Brazil a way out of crisis or add to its burden?
10	Diário do turismo	26/07/16	Projeto gera impacto social nas comunidades cariocas com turismo
11	UOL	27/07/16	Olimpíadas: fotografo retrata Rio que turista não vê
12	Estadão	29/07/16	Turismo de inclusão social pelas comunidades cariocas
13	The Conversation	29/07/16	AirBnB brings Olympic tourists to Rio’s poorest áreas
14	Business Insider	30/07/16	The 2016 Rio Olympics won’t have enough hotels for all of the tourists, and now people are renting out favelas
15	Los Angeles Times	31/07/16	Armed forces ‘pacified’ Rio’s slums, but as Olympics approached, the gangs came back
16	The Guardian	02/08/16	‘The only Olympic legacy I see is repression and war’ - a year in Rio’s favelas
17	Carta Capital	02/08/16	O que governos europeus dizem aos cidadãos que vão ao Rio?
18	RioOnWtach	02/08/16	Protestos Anti-Olimpíadas no Rio na Véspera dos “Jogos da Exclusão”
19	Estadão	02/08/16	Longe do asfalto: roteiros para conhecer favelas do Rio de Janeiro na Olimpíada
20	VEJA	03/08/16	Bandidos capturam turistas que fotografavam favela no Rio
21	Folha de São Paulo	03/08/16	Turistas suecos são rendidos e levados para favela do Rio, diz Polícia
22	DailyMail	03/08/16	EXCLUSIVE: The \$11-a-night hotel in the heart of Rio’s shantytown where Olympics fans will get an authentic taste of favela life (sound of gunfire is complementary)
23	NBC News	04/08/16	What Is a Favela? Five Things to Know About Rio’s So-Called Shantytowns
24	Estadão	05/08/16	Comida boa morro acima: onde comer nas comunidades cariocas
25	BBC	05/08/16	Rio Olympics 2016: View from the favela
26	Tourism Concern	05/08/16	Go on a favela tour. Though you probably won’t see ‘The City of God’
27	VICE	06/08/16	What will Olympic tourism mean for Rio’s favelas?
28	Miami Herald	08/08/16	At Rio Olympics thieves go for the gold - and other tourist valuables
29	The Star	09/08/16	Ghetto tourism means Rio’s favelas are go-to places: DiManno
30	CBC News	11/08/16	Favela Chic’: Foreigners flock to lodgings in Rio’s poorest slums_

Apêndice 1. Continuação.

Ref	Título do veículo	Data	Título das Matérias Jornalísticas
31	France 24	12/08/16	Video: 'Slum tourism' spreads in Rio favelas during Olympics Games
32	O Globo	13/08/16	Número de visitantes em favelas caiu até 90% nos Jogos, em comparação com a Copa
33	O Tempo	14/08/16	Para moradores da periferia proteção policial é apenas para turistas
34	UOL	15/08/16	Turismo Olímpico nas favelas é 10% do obtido na Copa do Mundo
35	Minist. do Turismo	15/08/16	Turismo no morro: longe do asfalto, turistas visitam favelas cariocas
36	G1	16/08/16	Americanos constroem playground em favela do rio durante olimpíada
37	Business Spotlight	17/08/16	Favela Tourism
38	RioOnWatch	17/08/16	Rio2016 é uma piada pronta: humor como resistência para os Jogos Olímpicos
39	Arabian Business	18/08/16	In pictures: Favela tourism during the Rio 2016 Olympics
40	RioOnWatch	19/08/16	Olympic Tourists share perspectives on Rio's favelas
41	Diário do Turismo	19/08/16	Ministério divulga dados do turismo nas olimpíadas
42	NPR	20/08/16	In Rio's Favelas, Hoped-For Benefits From Olympics Have Yet To Materialize
43	Estadão	20/08/16	Notícias negativas derrubam busca por passeios em favela
44	Archy Word News	20/08/16	The "Olympic" Tourism also reaches the favelas of Rio de Janeiro
45	Ducor Sports	20/08/16	The Other Side of the Olympics in Rio — Evictions and Tourism in Rio's Favelas
46	Rio 2016	21/08/16	Rio 2016 legacy: Brazil expecting post-Games tourism boost as Olympic visitors give seal of approval
47	O Dia	28/08/16	Olimpíada alavanca turismo em favelas
48	RioOnWatch	29/08/16	Social Media Campaing #StopFavelaStigma
49	RioOnWatch	01/09/16	Aumento do Turismo na Trilha dos Dois Irmãos Suscita Preocupação no Vidigal